

“Aqui o sol nunca brilha: A angústia do *Não* ser do adolescente”.

Tatiane Kelli Rodrigues*

Carla Maria Lima Braga

A adolescência possui uma singularidade e segundo alguns autores ela é um dos períodos da vida em que o normal do indivíduo é ser imaturo, no entanto a sociedade cobra que suas atitudes sejam como as de um adulto. No presente estudo de caso, o autor utilizado será Winnicott, e segundo a teoria winnicottiana, a adolescência acontece de forma mais branda quando os estágios iniciais da infância tiverem transcorridos de forma suficientemente boa, pois assim, segundo Winnicott (1999), “a criança saudável chega à adolescência já equipada com um método pessoal para atender aos novos sentimentos, tolerar situações de apuro e rechaçar situações que envolvam ansiedade intolerável” (p. 164). Entretanto, os processos iniciais de seu amadurecimento ocorrerem de forma tranquila se essa criança possuir um ambiente facilitador, pois esse papel do ambiente é primordial na adolescência, assim como a importância que a mãe e o pai dão a essa criança, bem como o restante da família, é vital para ajudar o adolescente passar por esse processo de forma segura e tranquila.

É também nessa fase da vida que o adolescente tende ao isolamento, conforme Winnicott (1999):

O adolescente é essencialmente um isolado. É a partir de uma posição de isolamento que ele se lança no que pode resultar em relações. São as relações individuais, uma por uma, que levam finalmente à socialização. O adolescente está repetindo uma fase essencial da infância, pois o bebê também é um isolado, pelo menos até que ele seja capaz de estabelecer a capacidade de relacionamento com objetos que estão fora de seu controle mágico. O bebê torna-se apto a reconhecer e a acolher com satisfação os objetos que não são parte integrante dele, mais isso é uma grande façanha. O adolescente repete essa batalha. (p.165)

No desenvolvimento emocional, bem como no desenvolvimento fisiológico, em ambos processos ocorrem a evolução do ser humano e isto só é possibilitado por um ambiente facilitador.

O ser humano, dessa forma é dotado da possibilidade de tornar-se um indivíduo inteiro e de responder por um eu. Esse estatuto unitário é a condição básica para a saúde e o amadurecimento emocional do ser humano (...) a mãe da criança é a primeira representação do ambiente do bebê e é por ela que a criança será apresentada ao mundo. (Braga, 2009, p. 19-20)

E quando o ambiente falha, o que pode ocorrer?

O sentimento de não existência pode levar os adolescentes a terem comportamentos desafiadores ou com impulsos autoagressivos perdendo assim a sua criatividade e a sua capacidade de brincar, como fica evidente no caso clínico de Juliana¹ uma jovem de 15 anos.

Juliana foi encaminhada à clínica psicológica por sua mãe, devido seus impulsos autoagressivos e de automutilação. Os atendimentos são realizados de forma individual, duas vezes por semana, a partir do método psicanalítico. Utilizamos recursos projetivos e o Procedimento de Desenhos-Estórias com tema (D-E) sobre a adolescência, e outro recurso que consiste na construção de uma estória conjunta entre a paciente e a terapeuta, já em outra atividade, a terapeuta pediu para que ela escrevesse como ela se vê no presente e no futuro. Tais recursos possibilitaram um maior entendimento do mundo de Juliana.

A partir dos procedimentos e os atendimentos de Juliana podemos perceber o sentimento de solidão e a sensação de não ter ninguém para a apoiar em seus sonhos e fantasias, entretanto ainda tem a esperança de que um dia essa condição mude, o que fica evidente ao escrever sobre seu presente: se definiu como *“bipolar, as vezes triste, às vezes alegre, abandonada, excluída da sociedade, triste, carente, irritante, magoada, com saudade”* (sic). Ela não conseguiu ver nada de positivo sobre ela mesma no presente, já no futuro, Juliana escreveu: *“feliz, realizada, com notas boas, de bem com as pessoas, mais legal, feliz”* (sic), mostrando uma perspectiva de mudança.

Os sentimentos de solidão levam a paciente aos comportamentos de automutilação e também de beber. Afirma Juliana que toda vez que isso ocorre ela sente a necessidade de se cortar, mas que não realiza esse desejo todas às vezes, por pensar em como as pessoas que gostam dela não iriam gostar que ela o fizesse. Juliana explicita seus sentimentos de solidão e

¹ Nome fictício para preservar a identidade da cliente.

também de vazio que sente, através de frases de bandas musicais que coloca nas paredes de seu quarto, frases como: *“meu coração está sombrio demais para se importar”*.

Segundo Winnicott (1983) “a capacidade de o indivíduo ficar só (...) é um dos sinais mais importantes do amadurecimento emocional” (p.31), o que não se aplica ao caso de Juliana, pois ela apresenta um sofrimento intenso em sua solidão, pois lhe acarreta a automutilação, bebedeiras e choros intensos. Sempre que Juliana está com uma tristeza tão profunda que ela não consegue lidar, ela entra em seu quarto e chora com muita intensidade, onde acaba provocando cortes em seus pulsos ou bebe em demasia. Ela acaba somente substituindo os sintomas, porém ambos são graves e preocupantes para uma jovem de apenas 15 anos.

Para que o adolescente possa usufruir de certo grau de amadurecimento, sem danos psíquicos, é necessário que “num estágio bem precoce, *quando a imaturidade do ego é naturalmente compensada pelo apoio da mãe*. À medida que o tempo passa o indivíduo introjeta o ego auxiliar da mãe e dessa maneira de torna capaz de ficar só sem apoio freqüente. (Winnicott, 1983, p. 34)

Esse é um paradoxo importante apontado pela teoria de Winnicott: para que Juliana tenha a possibilidade de ficar só, seria necessário que anteriormente não tivesse ficado muito tempo sozinha. E isso parece ter ocorrido, pois de acordo com seu histórico, a mãe relatou que não se sentia pronta para ser mãe e não teve apoio nenhum de seu parceiro. Essa mãe não conseguiu entrar na preocupação materna primária, na forma de “devoção” para com seu bebê, já nos dias atuais, as duas possuem uma relação muito conflituosa, Juliana bebe bastante, na frente de sua mãe e a mesma não diz nada, se ela tivesse falado para ela parar, disse que pararia de beber. A mãe não dá limite algum para ela, ao mesmo tempo a mãe quando bebe também, fica bastante agressiva com ela, chegando a agredir fisicamente e também verbalmente. Em uma das sessões a mãe chorou ao dizer que sente que está se distanciando de sua filha e que se sente culpada, pois não sente muita vontade de ficar junto da mesma. Sobre uma das brigas que as duas tiveram, Juliana disse com tristeza *“minha mãe disse que quer se livrar de mim e mandar eu ir morar com a minha avó”* (sic). Como se pode notar o fato da mãe não ter conseguido entrar na preocupação materna primária reflete até os dias de hoje, na relação conturbada das duas.

Juliana tenta por meio de seu rendimento escolar, chamar a atenção de sua mãe. Com notas vermelhas a mãe teria que ir ao colégio para saber de seu rendimento acadêmico, mas ela não foi. Juliana deixa evidente seu sentimento de desamparo em virtude desse fato durante um de seus atendimentos, quando a escola chamou a mãe ela disse: “*minha mãe sabia que eu estava conversando bastante*” (sic), ao relatar, com tristeza, que a mãe não foi ao colégio.

Quando Juliana faz tentativas de chamar atenção para si, para que sua mãe a veja, remete ao seu passado enquanto bebê, pois para que o bebê tenha a possibilidade de *Ser* saudável, não pode haver intrusão do ambiente em sua possível existência, sendo assim este, deve proteger o bebê de qualquer tipo de intrusão que possa acontecer, ou deveria fazê-lo.

Se tomarmos como analogia uma bolha, podemos dizer que quando a pressão externa está adaptada à pressão interna, a bolha pode seguir existindo. Se estivéssemos falando de um bebê humano, diríamos “sendo”. Se por um lado, a pressão do exterior da bolha for maior ou menor daquela em seu interior, a bolha passará a reagir à intrusão, ela se modifica como reação a uma mudança no ambiente, e não a partir de um impulso próprio. Em termos de animal humano, isto significa uma interrupção no ser, e o lugar do ser é substituído pela reação à intrusão. (Winnicott, citado por Fulgêncio, citado por Braga, 2009)

Dessa forma, quando o bebê olha a primeira vez para o rosto de sua mãe, “o que o bebê vê é ele mesmo. Em outros termos, a mãe está olhando para esse bebê e “aquilo com o que ela se parece se acha relacionado com o que ela vê ali” (Winnicott, 1975, p. 154), quando isso não ocorre e a

mãe reflete o próprio humor dela ou, pior ainda a rigidez de suas próprias defesas (...) muitos bebês, contudo, tem uma longa experiência de não receber de volta o que estão dando. Eles olham e não se vêem a si mesmos. Há consequências. Primeiro, sua própria capacidade criativa começa a atrofiar-se e, de uma ou de outra maneira, procuram outros meios de obter algo de si mesmos de volta, a partir do ambiente. (Winnicott, 1975, p. 154-155)

Como já foi dito anteriormente, na adolescência há a repetição de suas condições primárias, no entanto no decorrer desse processo as “batalhas” serão outras. Entretanto, o

objetivo não muda, o adolescente busca ser visto por essa mãe para obter algo de si mesmo e consequentemente, possa ter a possibilidade de *Ser*, de existir.

Em Winnicott, existir significa, portanto, ter que se integrar (Loparic, 1999). E essa tendência que o ser humano tem de se integrar irá ser sequenciada em estágios, estágios estes essenciais que devem ser cumpridos de forma satisfatória, para que esse indivíduo não adoça e esses estágios iniciais do ser humano estão intimamente vinculados com o suporte que o ambiente deveria fornecer a esse bebê e falhou, que acarreta o surgimento de adoecimentos psíquicos, segundo, como evidencia o caso clínico de Juliana.

Segundo Loparic (1999) “Winnicott vai insistir em dizer que o ser humano não busca obter prazer e evitar o desprazer, mas procura tornar-se alguém capaz de viver uma vida que valha a pena”, e nesse caso a terapia pode possibilitar a descoberta de seu verdadeiro Ser, oferecendo, segundo Winnicott, citado por Santos (2010) o

holding (...) em outras palavras, ele se refere a relação tridimensional ou a relação de espaço e tempo que é gradualmente adicionada (...) é iniciado antes das experiências intuitivas que, num momento específico, determinariam as relações de objeto. *Holding* inclui o lidar com as experiências que são inerentes à existência. (p. 74-75)

O que para Juliana, lhe oferece o apoio que ela tanto busca em seu processo de descoberta de si. Uma das queixas da mãe em relação a ela, é que Juliana é “preguiçosa” (sic), pois a mãe, já diz ter tentando colocá-la em diferentes cursos, mas que ela não se interessou por nenhum.

Os interesses e descobertas do que realmente gosta, devem ter iniciativa da própria Juliana, e não de sua mãe, pois a vida dela até o presente momento foi referenciada na visão de sua mãe, ao que parece ela não conseguiu se enxergar nos olhos de sua mãe, quando bebê vendo somente sua mãe e não se vendo, o que comprometeu sua espontaneidade, bem como sua capacidade de brincar e lhe causa muita angústia esse seu *Não ser*, não existir aos olhos de sua mãe e aos seus também, e é através do processo analítico que existe a possibilidade desse processo dela resgatar ou construir quem ela realmente é.

Referências

Braga, C. M. L. (2009). *Comunicação e Isolamento: uma Análise Clínica de Diários e Blogs de Adolescentes*. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Loparic, L. *A teoria winnicotiana do amadurecimento pessoal*. Recuperado em 01 de junho de 2012 de http://www.psiquiatriainfantil.com.br/revista/edicoes/Ed_07S1/in_22_09.pdf

Santos, E. S. (2010). *Winnicott e Heidegger: aproximações e distanciamentos*. São Paulo: DWW editorial.

Winnicott, D. W. (1999). *Tudo Começa em Casa* (3a ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Winnicott, D. W. (1983). *O Ambiente e os Processos de Maturação*. (p. 31-37). Porto Alegre: Artes Médicas.

Winnicott, D. W. (1975). *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago..